

O Dr. Álvaro Ramiro da Cruz Barros Rosa nasceu em 15 de Dezembro de 1958, em Lisboa onde veio a falecer a 6 de Março de 2005. Tinha 46 anos e era médico reumatologista.

O Dr. Álvaro Rosa era filho do Dr. Álvaro Ernesto Barros Rosa, médico pneumotisiologista e escritor, também já falecido e da Sr.^a D. Maria Helena da Cruz Barros Rosa. Em 1969 concluiu, na escola «A Voz do Operário», a instrução primária e em 1976 concluiu o curso complementar dos liceus no Liceu Nacional Luís de Camões com a classificação final de 17 valores.

No ano lectivo 1976/77 prestou serviço voluntário no Hospital D. Estefânia e foi admitido na Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1977, com a média de 17 valores, onde viria a terminar a sua licenciatura em 1983 com a classificação final de 15,4 valores.

Em 1984 e 1985 cumpriu o seu Internato Geral nos Hospitais Cívis de Lisboa e trabalhou no Serviço de Medicina Interna do Hospital Santa Marta até à realização do exame de ingresso no internato de especialidade (Outubro/86). Escolheu Ortopedia e iniciou o seu internato no respectivo serviço do Hospital Distrital de Torres Novas, onde realizou 1 ano de internato de Ortopedia (1987) e outro de Cirurgia Geral (1988).

Continuou o seu internato complementar de Ortopedia no Hospital Ortopédico de Sant'Ana, onde ingressou por transferência em 1/4/89. Aí manteve a sua formação até 28/2/92. Em 1/3/92 iniciou o internato complementar de Reumatologia na Unidade de Reumatologia do Hospital de Santa Maria.

Esta mudança de especialidade deveu-se à evolução da doença crónica de que viria a falecer 13 anos depois.

Em Junho de 1997 obteve o seu título de especialista em Reumatologia com a classificação final de 18,1 valores. Desde essa data exerceu funções de Assistente Eventual de Reumatologia na mesma unidade de saúde até tomar posse como Assistente Hospitalar de Reumatologia no Hospital de Egas Moniz (HEM) em 1/11/2000.

Exerceu funções docentes pré e pós-graduadas na Faculdade de Medicina de Lisboa e no Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Foi autor ou co-autor de cerca de meia centena de publicações e ou-

tras tantas comunicações científicas.

O Dr. Álvaro Rosa havia realizado concurso público interno geral de âmbito institucional (2.^a fase do Decreto-Lei n.º 36/99, de 5 de Fevereiro), em 11/7/2000, que o habilitou para ocupar um lugar do quadro médico do HEM, que agora se extinguiu com a sua morte.

Durante estes mais de 4 anos de trabalho em comum pude observar-lhe várias características que quero descrever.

Sob o ponto de vista profissional o Dr. Álvaro Rosa desempenhou tarefas em várias áreas – consulta externa, internamento, técnicas de diagnóstico e tratamento – e foi durante todo o tempo que esteve connosco o responsável pela observação dos doentes internados em outros Serviços e pelas ecografias do sistema músculo-esquelético realizadas na nossa Unidade. Foi também responsável pelo estágio de vários internos de Clínica Geral/Medicina Familiar.

A sua actividade foi sempre executada com pontualidade, eficiência e educação. Mesmo quando já estava muito mais doente do que os doentes que assistia.

De facto trabalhou até à véspera do seu derradeiro internamento em Fevereiro. E não se pense que lhe foi fácil. Para quem conhece a rampa de entrada do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, que ele preferia por ser um pouco menos íngreme do que a do HEM, basta dizer que parava 2 ou 3 vezes para a subir. Conseguimos um lugar reservado para que pudesse estacionar o carro dentro do hospital.

Mesmo no fim, ainda teve de suportar 4 semanas de doloroso e martirizante internamento. Sabia o que lhe ia em breve acontecer. Viveu-o com dignidade. Visitei-o três vezes. Nunca me recebeu deitado. A morte poupou-lhe o pesadelo da amputação (era só mais uma, mas agora seria visível).

Sua mãe assegura que «...foi-se abaixo quando soube que não podia ser transplantado. Foram 14,5



anos de diálise...». Mas não era fácil abatê-lo. Nunca deixou de vir trabalhar. E infelizmente não lhe escassearam os «motivos» porque, no último ano, as inúmeras e difíceis complicações que lhe sobrevieram tornaram a sua vida visivelmente muito penosa.

Não era casado e não tinha filhos. Vivia com sua mãe que apesar de ser a sua principal (?) confidente o descreve «...mesmo comigo, era muito calado. Tinha vergonha e tristeza por estar doente». Orgulhoso e independente confirmava em «escrito» de adolescente «...sempre gostei de ser melhor que os outros». Mas só para gozo próprio dado que recusou receber, por duas vezes, relevantes prémios escolares.

O seu humor fino e atitude reservada camuflavam o homem tímido e muito sensível. Esta sensibilidade transparecia nas suas múltiplas acções caritativas e de benemerência e no amor aos animais, sobretudo aos gatos que eram uma das suas «paixões».

Espírito curioso e inquieto, tudo lhe interessava. A sua atenção médica não se quedava no sistema músculo-esquelético e por isso foi somando cursos em outras áreas – Saúde Pública e Medicina Tropical (1984), Medicina Desportiva (1992) e Hidrologia Médica (1996). A tecnologia fascinava-o justificando a sua excelente relação com a informática, a ecografia, as ondas de choque, etc. Entendia e falava várias línguas além da sua, como espanhol, italiano, francês, alemão, inglês e até um pouco de russo e árabe.

«Adorava dançar» e fez incursões sérias no «rock» e no «disco» tendo inclusive, levado por mão feminina, passado pelos Alunos de Apolo.

O desporto foi também uma actividade importante na sua vida. Desde o culturismo, que praticou de forma séria antes de adoecer, até ao xadrez de que era Mestre Internacional. Neste contexto era um assíduo e entusiasta participante nos Jogos Médicos de Tróia onde ultimamente, por motivos de saúde, já só ia para arrecadar mais uma taça na competição de Xadrez. Era um adepto atento e interessado do Futebol em geral e do Benfica em particular que não chegou, como desejava, a ver este ano Campeão.

Os automóveis eram outra das suas «paixões» acerca dos quais tinha um conhecimento quase enciclopédico. O descapotável que conduzia era uma das suas imagens de marca. «É verde-garrafa e fui eu que escolhi a cor» revela sua mãe. Não chegou a ter o topo de gama que tanto apreciava, como não teve tempo para fazer tantas outras coisas.

O Dr. Álvaro Rosa deixou precocemente os seus familiares, amigos, colegas e doentes. A sua personalidade rica e multifacetada será certamente lembrada por todos nós com consideração, estima e saudade.

*Jaime C. Branco**

*Reumatologista
Director da Unidade de Reumatologia do Hospital Egas Moniz